

NOVO ENCONTRO

de Romain Rolland e a França

(Continuação da página anterior)

arruinada, ulcerada, ella sofre e cala-se. Encontrando o espaço livre, a outra corrente aproveitou e submergiu-os, por algum tempo. Eu refiro-me aqui à «observância média», aos costumes morigerados, à ironia indulgente, ao cepticismo inteligente, à facilidade de tudo admitir, ao esteticismo amável,—segunda faceta do carácter francês. Com isto fazem-se agradáveis reuniões mundanas; não se refaz um mundo. As elegâncias e o bem falar só têm preço quando a sociedade não está em causa. E a nossa civilização ameaça ruína. Antes da guerra, bastava ser-se um artista excelente, um cidadão livre, um homem honrado. Hoje o lugar é para o santo ou para o homem que se decide a transformar a sociedade.

Antes de seguir o segundo destes dois caminhos, Romain Rolland sentiu primeiro a atracção da santidade. Todo o seu esforço durante estes vinte anos, pode definir-se pela busca de uma nova razão de viver. E' certo que elle tinha erguido a voz, um dos primeiros, em defeza do movimento de Outubro. Mas pareceu a principio achá-lo muito occidental para esperar d'ele a salvação do Ocidente. Se elle aprovava que se tirasse o poder a uma classe que dele abusava, não se resignava a que o movimento para triunfar tivesse de aparentar transformar uma doutrina em tática, uma ideologia em poder, um ideal em oportunismo. E o ódio da violência, que cinco anos de massacre lhe tinham inspirado, como a nós, tornavam-no avêso a um método que concedia um certo papel à guerra civil. E assim elle dirigiu-se primeiro para longe, para o Este. Sofreu a atracção de Gandhi. A India, a sua imensa e cruel doçura, foram os seus repousos no caminho que devia conduzi-lo à outra posição. Rolland carecia de provar-se previamente, que a religião, por bela que seja a sua mensagem quando em estado de pureza, não é uma

arma sufficiente para atingir os malefícios, as resistências e as arestas da sociedade moderna. (Se não fôsse assim, e se as virtudes individuais fôsem capazes de refrear eficazmente a horrível maldade dos apetites mecanizados, que poderíamos nós desejar de mais belo que o Evangelho? Seríamos todos cristãos. Digo-o por mim e, estou certo, por muitos outros). Por muito diferente que Gide seja de Rolland, é do mesmo observatório que se pode entrever o paralelismo dos seus dois itinerários. Têm a mesma origem e as mesmas coordenadas, ambas religiosas. A sua adesão a certa corrente politica não nasceu, num mais do que noutro, sem um supremo recurso aos poderes secretos da consciência. Num e noutro, essa adesão produziu-se depois de aquella interrogação não ter recebido resposta. A ineficácia da mera santidade, no plano, não já do individuo, mas da sociedade humana, não já do pecado, mas da miséria—êsse pecado esquecido na lista da

Igreja—precipitou estas duas almas exigentes para o lugar onde elas podiam encontrar a mais vasta e mais forte vontade de reivindicação que até hoje foi feita sobre a terra. O movimento de Outubro triunfante, essa experiência decisiva de heroísmo e de eficácia devia atraí-los um dia. E tem-se a convicção de que elle os prenderá a ambos, enquanto tiverem cada um à sua maneira, a certeza de que é precisamente aí que reside o ponto de mais elevada tensão de energia, da dedicação e do sacrificio (1).

Entre uma religião que desaparecia e um pensamento novo que surgia, a intelligência e a arte occidentais flutuavam sem base, sem fim e sem justificação. Se podemos chamar heroi àquele que sente esta desagregação e este vácuo com

(1) E' por demais conhecido o caso de André Gide, para que por menorizadamente o recordemos aqui (N. do T.).

expediente

Com o presente número entra «Sol Nascente» no terceiro ano da sua publicação. Todo o assinante e leitor que queira encadernar os números referentes aos dois anos e na colecção lhes falte algum exemplar pode pedi-lo pelo correio, que lhe será enviado. A pessoa interessada deve enviar um escudo por cada exemplar (com excepção do n.º 3 que custa *dois escudos*, por se encontrar quasi esgotado) ou declarar que deseja recebê-lo *à cobrança*.

«Sol Nascente» manterá, de futuro, uma regularidade **mensal**, até que a reorganização completa dos seus serviços permita a sua publicação quinzenal.

Toda a correspondência deve ser dirigida para: **COURAÇA DE LISBOA, N.º 38 — COIMBRA.**

Angariar novos assinantes para «Sol Nascente» é cooperar na resolução das suas dificuldades económicas.

vivacidade, na sua carne e no seu espirito, o maior heroi será aquele que terá sofrido mais profundamente e o terá expresso com mais autoridade. Entrámos há 20 anos numa época da história em que os problemas da acção e sobre a conduta da vida repeliram para a sombra todos os outros. Enquanto muitos homens tateavam ainda diante deste aspecto novo do nosso destino, tentando adaptar-se-lhe e adaptar a elle os seus discursos Romain Rolland viveu desde 1914, de facto e em acção, este momento da consciência do mundo. Incarnou-o; e, até certo ponto, foi sem o querer e sem o saber, como acontece a todos os autênticos heróis. Deste modo, inúmeras angústias e desesperos se projectaram nas suas próprias angústias e desesperos. Inúmeras angústias se reconheceram e refugiaram nas suas. E se a França e o Ocidente ficaram durante anos sem freio, sem lei, sem guia, houve algures um homem que pagava por eles, um pensamento que,—tal como a antiga prece dos monges de Chartres elevando-se no momento em que a terra se afundava sem defêsa, na noite,—velava e sofria por nós. Daí o nosso respeito, o nosso reconhecimento e o nosso affecto. Hoje a França, por sua vez, pôs-se a caminho. Aos primeiros passos que deu na via do seu ressurgimento, encontrou aquelle que a tinha precedido e que ella tão cruelmente havia ignorado. A alegria que se eleva do seu encontro é profunda. Tornémo-la tão brilhante quanto nos seja possível. Festejando o jubileu do escritor, celebramos ao mesmo tempo um passo decisivo desta ressurreição do Ocidente de que nunca desesperámos, a-pesar-das aparências. Ninguém para isso trabalhou tão eficazmente como o homem que hoje homenageamos. (2)

(2) Este ensaio foi escrito em 1936, por ocasião do 70.º aniversário de Romain Rolland, e encontra-se publicado no livro de J. R. Bloch — *Naissance d'une culture*, Paris, Rieder, 1936.